

RESISTÊNCIA INDIVIDUAL NO TERCEIRO REICH: "RETRATO DE GRUPO COM SENHORA" DE HEINRICH BOELL *

Christine Wischmann **

"Até agora não vieram ao mundo nem verdadeiros 'EU's, nem verdadeiros 'NÓS'. Para ambos não chegou ainda uma época florescente, e chegando ela, então também com o novo conteúdo serão transformadas as formas tradicionais. O EU poderá ser mantido, contudo não a assim chamada unidade da pessoa, de que tanto se orgulhava o indivíduo burguês. . . EU nenhum, no que é e pode, já é tão acabado, que no núcleo não se renove, nos contornos não possa ser surpreendido por si mesmo; ou se tornará seu próprio epitáfio".

Ernst Bloch¹

Heinrich Boell nasceu em Colônia, em 1917, como filho de um escultor, numa região "onde o Reno, enfatiado da suavidade de seu curso médio, alarga-se, afluindo à planície total em direção às brumas do Mar do Norte; onde o poder temporal nunca foi levado muito a sério e o poder divino menos a sério do que geralmente se acredita em terras alemãs; onde se atiraram vasos de flores em Hi-

* Tradução do Alemão por Adelaid Rudolph, Auxiliar de Ensino de Língua e Lit. Alemã na Universidade Federal do Paraná e no Instituto Goethe de Curitiba.

** Christine Wischmann, nasceu em Berlim e formou-se em Jornalismo dedicando-se à crítica de cinema e teatro. Coursou a Universidade Livre de Berlim dedicando-se à Literatura Hispano-Americana Permaneceu no México de 1970 a 1972 e no Chile onde realizou pesquisas doutorando-se na Universidade de Berlim com a tese que se encontra no prelo. Desde 1974 é lente de Língua e Literatura Alemã do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico na Universidade Federal do Paraná.

1 BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1959, p. 1139.

tlar, onde se escarnecia publicamente de Goering, o janota sanguí-nário, capaz de apresentar-se no transcurso de uma hora em três uni-formes diferentes...²”

Heinrich Boell, que por ocasião da subida dos nazistas ao poder contava 16 anos, foi preservado do “Pimpftum”³ intelectual (petu-lância de jovens simplórios), com que o movimento juvenil nazista atraiu com êxito após si, sob o manto da castidade e da disciplina, um séquito pervertido em todos os sentidos; preservado graças à atmosfera liberal do ambiente em que vivia: um lar onde se amava a discussão aberta, amigos dotados de espírito crítico e professores imparciais.

Em 1938, Boell foi convocado para o serviço obrigatório (de um ano, exigido pelo Estado) e posteriormente para o serviço militar, permanecendo na ativa como soldado até 1945. Após a guerra, co-meçou seus estudos de germanística, trabalhando enquanto isso pri-meiro na carpintaria de seu irmão, depois em repartição pública e prosseguiu em suas tentativas literárias iniciadas em 1936. As pri-meiras publicações de Boell apareceram em 1947 e o sucesso rela-tivamente rápido lhe permitiu viver como escritor autônomo a partir de 1951. Suas obras foram traduzidas em muitas línguas, tam-bém para o português. Em 1972, foi contemplado com o Prêmio No-bel de Literatura ‘por uma poesia que, pela perspicácia de sua visão histórica da atualidade aliada à arte de descrever cunhada por sensível capacidade de compressão, agiu renovadoramente no âm-bito da literatura alemã’⁴.

Numerosos romances e contos de Boell descrevem a condição humana sob a ditadura nacional-socialista e suas conseqüências, so-bretudo *Billard um halb zehn* (Bilhar às nove e meia)⁵ (1959) e *Grup-penbild mit Dame* (Retrato de grupo com senhora) (1971). O que mais preocupa Boell aí é a inevitabilidade de evasão do homem à reali-dade sócio-política de seu país, a impossibilidade de tecer em volta de si uma rede de bem-estar privado. Assim escreveu Boell em 1953 para justificar sua posição como escritor: “O contemporâneo julga saber que a realidade é repugnante e opressiva, que não se lhe pode permitir uma aproximação; pois a realidade do cotidiano já se aproxima o bastante, as próprias preocupações e necessidades se aproximam permanentemente. Mas as realidades estranhas apenas aparentemente são estranhas, e as distantes apenas aparentemente

2 MELIUS, Ferdinand, ed. *Der Schriftsteller Heinrich Boell*. Koeln, Kiepenheuer, 1959. p. 24.

3 Expressão usada por Siegfried LENZ.

4 Da justificativa da atribuição do Prêmio Nobel.

5 Título da tradução portuguesa.

são distantes. Nada há que não nos diga respeito, o que positivamente quer dizer: tudo nos diz respeito... Negar a realidade — é como cabular a aula... mas nós sabemos, infelizmente sabemos não haver um permanente cabular: que... só podemos consumir nossa vida dentro da realidade — é questão de vida ou morte.”⁶

Inevitabilidade portanto. E que possibilidade vê Boell na oposição contra uma cruel realidade política, que priva cada qual da margem mínima de liberdade para intervir no desenvolvimento histórico, transformando-o? A da rejeição individual. Assim escreve ele: (Há tantos) “que NÃO executaram a ordem; houve-os mais do que supomos. Nesta guerra... quantas ordens não foram executadas... ordens de fuzilamento, ordens de explosão, preservaram-se seres humanos da morte, salvaram-se cidades e pontes da destruição porque ordens NÃO foram executadas. Rejeição às ordens — delito digno de honra.”⁷ — Antes de nos perguntarmos a que posição dentro da cosmovisão de Boell corresponde este mandamento moral e que consequências práticas pode, DEVE acarretar, apresentamos como exemplo o romance **Gruppenbild mit Dame**⁸ (*Retrato de grupo com senhora*).

O romance relata em estilo pseudo-documentário a biografia de uma mulher de 48 anos. Autor e narrador se confundem na pessoa de um pesquisador que, no decurso de vários meses de cansativo e minucioso trabalho, colige com crescente interesse pessoal, mais tarde até mesmo exercendo influência sobre os acontecimentos seguintes, depoimentos de pessoas que, no decorrer do tempo, entraram em contato com a figura principal “Leni Pfeiffer, nascida Gruyten”, ou com outras pessoas do círculo de relações de Leni. Resulta, citando-se apenas o mais importante, o seguinte quadro: Leni foi criada como filha do construtor Gruyten numa cidade da atual Alemanha Ocidental. Graças a sua clareza de visão e iniciativa (“cheira a casamata”) quando da tomada do poder por Hitler, o velho Gruyten se torna figura importante no Terceiro Reich; constrói aeroportos, quartéis gerais, abrigos antiaéreos, etc. Mais leviano que finório, funda, no ápice de seu êxito (no início da Segunda Guerra Mundial), uma empresa-fantasma, onde atribui aos trabalhadores forçados russos, fictícios, os nomes de todos os grandes literatos da Rússia, fato este que leva um advogado erudito a descobrir o logro. O pai é aprisionado, a mãe morre de excitação, o irmão de Leni, venerado por seus professores como “pequeno gênio alemão”, depois de, como soldado, em vão tentar vender ao inimigo um canhão

6 BOELL, Heinrich. *Hierzulande — Aufsätze zur Zeit*. Köln, dtv, 1963. p. 67.

7 BOELL, Heinrich. *Aufsätze-Kritiken-Reden*. München, dtv, 1969. p. 105.

8 BOELL, Heinrich. *Gruppenbild mit Dame*. Köln, Klepenheuer, 1971. 400 p.

antiaéreo, é fuzilado, dizendo ao morrer as palavras "Caguem na Alemanha!".

A totalidade dos bens dos Gruyten é confiscada. Somente um casarão de cômodos, herança da família, é cedido à filha, sobretudo por já ser "viúva de guerra alemã": num curto-circuito sentimental, casara com o filho de conhecidos seus, antipáticos, o qual para alívio dela tombou três dias depois no campo de batalha. Leni, que anteriormente levava vida de filha mimada, tem de prestar serviços obrigatórios numa floricultura de cemitério. Ali, para indignação de outros, ela se mostra espontaneamente afetuosa para com o prisioneiro de guerra Boris, condenado a prestar trabalhos forçados. Leni e Boris se apaixonam, encontrando-se dissimuladamente, pois a revelação de suas relações teria significado sentença de morte na histórica ideologia da época. Em meio à confusão total, originada pelo comando de guerra de Hitler e pelo bombardeamento de cidades alemãs por parte dos aliados, os empregados da floricultura se reúnem numa comunidade e passam as horas do bombardeamento no jazigo de uma família transformado em abrigo antiaéreo particular. Nesse ambiente Leni dá à luz um menino.

Após a capitulação, o velho Gruyten é posto em liberdade, mostrando-se agora, no entanto, inteiramente desinteressado de quaisquer atividades empreendedoras. Numa ruína, sofre um acidente como empregado de Walter Pelzer, proprietário da floricultura, que sempre soubera aproveitar-se de toda situação sócio-política para seu próprio enriquecimento, que vendera novamente coroas "usadas" e que então mantém um florescente comércio de ferro velho de ruínas. Leni, que sempre vivera descuidadamente além de suas posses, vende seu casarão a conhecidos, especuladores, continuando a morar nele como inquilina. Boris, que para sua proteção se fizera passar por alemão (graças aos excelentes conhecimentos da língua), é forçado pelos americanos a trabalhar numa pedreira, onde sucumbe à fadiga. Os anos do pós-guerra Leni passa-os num contínuo empobrecimento, tanto mais que abandonara todo trabalho sem motivo aparente, vivendo apenas de sua pensão de viúva de guerra. Seu filho Lev, apesar de sua incontestável inteligência, decide tornar-se coletor de lixo. Os atuais proprietários do casarão, tendo conseguido uma fortuna crescente por seu "instinto capitalista", feridos em seu orgulho, querem "chamar à razão" seu afilhado Lev mandando prendê-lo por uma bagatela. Ademais, ameaçam despejar Leni, porque ela não pode mais pagar o aluguel e por alojar, em troca de pagamento incrivelmente irrisório, trabalhadores estrangeiros em sua moradia. Leni, que entrementes é insultada abertamente na rua como

"amásia de rusos" e "meretriz", alegra-se por esperar um filho de seu sublocatário turco. — O narrador conseguiu por suas pesquisas desencadear uma espécie de processo de conscientização no ambiente humano em torno de Leni. Com o despertar de antigas recordações os amigos descobrem a extraordinária sensibilidade de Leni, sua ausência de preconceitos, seu calor humano, e somente agora tomam inteira consciência, inclusive o narrador, de sua atratividade física. O romance termina numa imensa vaga sentimental: a gente suspira de tardio sofrimento amoroso, prodigaliza visitas à grávida Leni e se organiza numa "comissão de solidariedade" para lhe salvar a situação financeira.

Boell delinea em seu romance uma multiplicidade de reações políticas individuais — do nazista convicto até ao incansável opositor. As figuras secundárias — como também permite o esboço estrutural do romance — são apenas esquematicamente ampliadas; constituem simples "spotlights": o jovem fascista (que apesar dos graves ferimentos de guerra não duvida um momento do esplendor do Terceiro Reich); o distanciado que se retrai (na figura do russo Dr. Scholsdorff que recusa por idealismo uma atividade bem remunerada de tradutor); o visionário que se perde em especulações políticas não realizáveis (a separatista Hoelthohne); e os realmente vencidos que após luta organizada, sem êxito, só se podem salvar por uma petrificação absoluta (a comunista Kremer).

Sobretudo, porém, Boell salienta sempre de novo o exército multifacetado dos conformistas — suporte tradicional de todo regime despótico. Todos aqueles oportunistas que constantemente acumulam sobre si nova culpa sem pensar e que mais tarde, em nova situação, de nada querem ter tido conhecimento, e que não relutam em trair indiscriminadamente suas próprias linhas para salvação pessoal. (Os funcionários, p. ex., que após a guerra, na questão judaica, se atribuem mutuamente a responsabilidade pelas vítimas "como se fossem batatas podres"). E aqueles estrategistas a quem em princípio todos os meios são válidos para manter somente o próprio poder, encabeçados pela Igreja Católica⁹ que aqui representou um exemplo por excelência no Terceiro Reich. (Assim no romance de Boell um convento, por amor cristão, oculta dos perseguidores uma de suas monjas, de origem judaica, deixa-a, contudo, impiedosamente, morrer de inanição em seu esconderijo; o que não impede o convento de praticar um culto prometedor de santificação com essa monja após a mudança política).

 9 Observação: BOELL é católico praticante.

Precisamente em tais figuras e acontecimentos secundários o autor mostra que a excusa "nenhuma oposição foi possível" em sua exclusividade é mentira — pois cada qual chegou geralmente bastante cedo a situações nas quais ele teria podido provar sua declarada divergência de pensamento. O destemor de alguns poucos nada pode modificar no decurso da História, a frente comum tê-lo-ia podido. No entanto, os pressupostos nem mesmo existiam, pressupostos como sejam: a prontidão em aceitar também a realidade exterior além dos próprios interesses e a consciência de solidariedade historicamente desenvolvida.

Estranho, porém, para o leitor é tomar conhecimento de como Boell descreve aquelas pessoas que conscientemente se opõem à corrente do conformismo. Logo que Boell se entranha em estudos isolados, não mais fornece uma fotografia plana, mas dimensiona com maior vigor e burila — isto o peculiar — caracteres múltiplos com traços por vezes inesperados. Todos os personagens importantes do romance e todos são personagens com traços preponderantemente positivos, isto é, propostas de identificação para o leitor — são portadores de um comportamento básico esquizofrênico perante o mundo exterior.

Isto concerne mesmo ao pai de Leni, o velho Gruyten, o conformista aparentemente ideal, sonho de todos os ditadores. Um empresário que, sem refletir sobre as conseqüências políticas, fornece ao governo Hitler tudo que este necessita para seus objetivos sanguinários. Que, rindo se enriquece bobamente com os abrigos anti-aéreos. Quando este homem, expiada a pena de prisão, de repente, com o mesmo riso, repele de si todo anelo de sucesso e vive o papel de um simples operário o leitor não pode, nem deve satisfazer-se com a conclusão de que se trate apenas de um choque. Pois o velho Gruyten nada mais é que um esquisitão extrovertido, alguém que enriqueceu não por esforços sistemáticos mas por puro acaso, por simples desempenho de papéis.

Ou o irmão de Leni, a cuja descrição o leitor primeiro passa de uma suposição para outra. Será ele o gênio promissor por quem o tomam seus professores, ou será ele o simplório tedioso que não conhece nada mais excitante que recitar para a família, ao café da tarde, um extenso artigo sobre preceitos militares de cumprimento? Ou o "João ativo" desajeitado, que logo depois e sem motivação visível trai a própria causa e morre com um palavrão fecal nos lábios? Depois desse fim repentino resta ao leitor só uma conclusão: esquizofrenia.

Mas, aí está, sobretudo, a figura principal, Leni, "um gênio subestimado de sensualidade" com o dom de, ainda após quarenta anos, reconhecer uma pedra do calçamento por um simples toque. Que em sua infância, deitada sobre as urzes num dia de verão, tivera uma vivência pan-erótica e que agora busca redescobrir este sentimento global do universo no erotismo sexual. Leni é, tal qual o pai e o irmão, um ser inteiramente apolítico. "Ela jamais percebeu as intenções dos nazistas",¹⁰ era-lhe simplesmente antipático e marrom (das camisas dos nacional-socialistas), e isto em virtude de uma relevância suspeita quanto a produtos anais. Os dramalhões da propaganda política não lhe arrancavam lágrimas de emoção, sem que ela pudesse dizer a razão. Leni não sabia nem mesmo o que é um judeu e teceu ingenuamente, na floricultura do cemitério, uma estrela de Davi nas coroas dos "heróis" caídos. Sem suspeitar de modo nenhum das conseqüências políticas, ela se atreve a oferecer uma xícara de café — este artigo de luxo especialmente raro naquela época — a um prisioneiro de guerra russo, um "sub-homem".

A resistência de Leni à coação política — isto é acentuado sempre de novo no romance — não tem qualquer definição racional, nem qualquer comportamento um tanto quanto consciente, não tem mais a birra brincalhona do pai e do irmão. Leni é "humana" no melhor sentido. Mas para o leitor crítico ao mesmo tempo também no sentido mais insípido, quando lê a seguinte afirmativa: "Uma coisa fora sempre certa entre os Gruyten: a cada um se ofereceria um café, fosse pedinte, papajantares, vagabundo, fosse um sócio estimado ou não. E "(não fora o velho Gruyten mas sim a esposa) "para quem não havia perdão nesse caso. Não, ela teria oferecido café a cada um, comunista ou não... e penso que até ao pior nazista ela teria dado um café"¹¹.

Heinnich Boell é bastante jeitoso para deixar uma das figuras do romance proferir tal declaração, e além disso, reduzi-la à mãe de Leni. No entanto, ele incrustou a passagem também na questão primordial, que se deve aceitar indiscutivelmente o comportamento da mãe como uma declaração indireta a respeito do comportamento de Leni. A sensibilidade e espontaneidade de Leni é irrefletida, não conhece objetivo, não conhece objeto. Um conceito de humanidade, porém, que tão mal escolhe seus objetos deve, e nisto tende-se quase a concordar com Freud¹², obrigatoriamente perder parte de seu valor.

10 BOELL, *Gruppenbild*, ..., p. 50.

11 BOELL, *Gruppenbild*, p. 189.

12 FREUD, Sigmund. *Das Unbehagen in der Kultur*. Frankfurt am Main, Fischer-tb, 1970. p. 101.

Diante desta carência de ação racionalizada também deveria falhar a tentativa do partido comunista, de, em virtude da ligação de Leni com Boris, usá-la após a guerra como garota propaganda em suas reuniões. Interrogada porque afinal se deixara usar, responde Leni com desarmante ingenuidade: "Porque na União Soviética há homens como Boris".¹³ Leni não reagia a produtos do espírito, não entendia qualquer concepção, qualquer idéia, qualquer "Weltanschauung" ela só reagia ao que fosse física ou psiquicamente perceptível: cores, odores, formas, pessoas. "Ela era — isto precisa ser repetido — inteiramente incapaz de sublinhar algo"¹⁴ uma doida inocente?

Um esquisitão, um esquizofrênico, uma doida — então é isto o que Boell nos tem a oferecer como heróis. A descoberta não é nova. Nos romances anteriores de Boell já a crítica literária constataria dever-se designar seus heróis, de traços em extremo acabados, por "anormais, doentios, neuróticos"¹⁵. Suas ações ou são condenadas ao insucesso, ou, em sua intenção não são entendidas pela sociedade, e colocam-nas com freqüência, sob estranho enfoque. Assim, por exemplo, até mesmo a afabilidade de Leni para com um ser "sub-humano" permanece isenta de significado humano-positivo, pois, por um lado, ela se teria apresentado afável a CADA UM, por outro, seu comportamento imediatamente se torna de novo privativo, é reduzido ao simples começo de uma relação amorosa.

E se o personagem que a si mesmo se intitula "autor" não houvesse em suas pesquisas ativado as recordações das pessoas interrogadas, também estas jamais teriam reconhecido que nesse caso urgia auxiliar coletivamente a um ser humano. A ação de solidariedade no final é, pois, mérito do "autor", não, contudo, resultado de uma compreensão organicamente desenvolvida. (Pela quase-identidade de "autor-personagem" e autor do romance, deve-se, além disso, suspeitar de que Boell atribua euforicamente à literatura, ao literato, uma função que estes não desempenharam até hoje na história literária a não ser em casos isolados: a do impulso direto à ação).

Boell entende seus personagens centrais como alternativa perante a massa indiferente. "Mas eles são apenas marginais que, voluntariamente, sem mesmo terem-se empenhado na luta, derivam.... Isto enche-os de um vago mal-estar geral em relação à época em

13 BOELL, *Gruppenbild.*, p. 316.

14 *Ibid.*, p. 190.

15 MIGNER, Karl. Heinrich Boell. In: WEBER, Dietrich. *Deutsche Literatur seit 1945*. Stuttgart, Kroener, 1970. p. 302.

que estão condenados a viver".¹⁶ Este mal-estar se acha em todas as obras de Boell, não importando chamar-se a realidade política ditadura ou não. Ele sabe perfeitamente transmitir este sentimento não racionalizado ao leitor, envolvendo-o nele. No entanto, Boell não encontra nunca a transição para o reconhecimento das causas mais profundas, mas permanece preso a indivíduos isolados (como é usual responsabilizar unicamente a pessoa de Hitler pella desgraça nacional-socialista) ou se lança numa polêmica, "que deve ser vista como degeneração do mal-estar, ainda mais que ela se dirige, desfocada em sua delimitação, contra tudo e contra todos"¹⁷ que dessa forma nada mais é que um fatalismo básico.

Boell não faz crítica ao sistema. Apenas fixa, puramente pelos sentidos (e daí ser contestável) o que é comportamento certo ou errado, — sempre só o comportamento de um ser isolado. "Assim, sua crítica permanece relativamente no campo privado"¹⁸. Sua visão é, como a visão de seus heróis de romance, imprecisa e, assim sendo, passível de abuso com qualquer intenção política.

Ele critica, p. ex., o burguês, não, porém, aquilo POR QUE esse burguês se acomodou: ao nacional-socialismo, à ambição capitalista, ao catolicismo, etc. Derivar da ordem passa a ser princípio erigido por sua própria causa. Os heróis do romance ficam presos num dilema anarquista, em que não servem nem prejudicam, a não ser a si mesmos. De resto, Boell mostra a consequência deste círculo vicioso individualista ainda mais claro em sua recente obra, **Die verlorene Ehre der Katharina Blum**¹⁹ (**A honra perdida de Catarina Blum**). Uma empregada doméstica, por acaso amiga de um delituoso, não vê, apesar das possibilidades presentes (seu patrão é advogado), melhor saída ao lutar contra a imprensa sensacionalista e caluniadora, que matar a tiros um jornalista atrevido. Resultado: vai acabar na prisão, a imprensa triunfa, o status quo não sofre sequer um arranhão. Dessa maneira, os acontecimentos em seus romances sempre se igualam. Tudo, que não se pode individualizar, é aceito incondicionalmente como poder anônimo. Os heróis de Boell sofrem não com a realidade exterior, mas por sua incapacidade em RECONHECER a realidade exterior. Eles sofrem justamente com aquele conceito burguês de individualidade que Boell critica em seus escritos teóricos como "cabular a aula". É certo que em suas tentativas de oposição e solidariedade eles expressam seu desejo de participar

16 JUST, Klaus Guenther. *Handbuch der deutschen Literaturgeschichte*. Börn, Francke, 1973. v. 4, p. 646.

17 JUST, *Handbuch...*, p. 646.

18 MIGNER, Heinrich Boell, p. 304.

19 BOELL, Heinrich. *Die verlorene Ehre der Katharina Blum, wie Gewalt entstehen und wohin sie fuhren kann*. Koeln, Kiepenheuer, 1974. 189. p.

da comunidade (e que outra coisa é toda a mística pan-erótica em torno de Leni?), mas secretamente não querem renunciar a suas posições egocêntricas. Porque crêem na liga de ambos os princípios têm de fracassar diante da contradição interior.

O mérito de Boell — provavelmente não intencionado — é ter posto em dúvida o indivíduo como EU acabado, delimitado. Isto se mostra particularmente na comparação com os outros conhecidos romances alemães ocidentais sobre o burguês no Terceiro Reich: Siegfried Lenz *Deutschstunde*²⁰ (Aula de alemão) e Guenter Grass. *Die Blechtrommel*²¹ (*O tambor de lata*). Lenz só conhece dois comportamentos: o do burguês totalmente adaptado ("consciente do dever") ou do "outsider" (o artista ou aficionado da arte). Cada qual por si não é transformável, ambos se encaram antagonicamente e sem possibilidade de comunicação. A arte — que triste perspectiva — se torna o único recurso de defesa contra um mundo exterior repugnante. Grass transfere toda oposição à pessoa de um anão (a personificação da mundividência pequeno-burguesa) que encontra caminhos individuais de oposição e também até os percorre. Mas depois que ele reconhece decorrer a História sem ele, retira-se perturbado ao seu próprio EU. A visão de Lenz é estática, Grass igualmente não vê escapatória do dilema burguês — unicamente Boell, ao menos nas últimas obras, presente uma forma futura de comunidade.

Para se proteger eficazmente, também para o futuro, contra violências políticas, não resta ao indivíduo nada, a não ser unir-se com outros em luta comum. "Sozinho e esmagado como um EU universalmente dirigido, manipulado, intimidado, que por si mesmo nada mais pode mover."²² Por isso também não tem sentido consolar-se com as rejeições isoladas às ordens, pois estas historicamente visto, nada resolveram e também no futuro muito pouco hão de resolver. Além disso, a declaração generalizada de Boell, que em Colônia "se atiraram" vasos de flores em Hitler e que "se escarnecia" publicamente de Goering, é puro pensamento idealizado. Na realidade só alguns poucos se opuseram. E, por outro lado, alguns outros entregaram aos algozes nazistas "a mais antiga comunidade judaica alemã que Colônia abrigava".²³ O indivíduo precisa aprender que a força integradora do grupo é mais que uma adição de atividades individuais isoladas; matematicamente falando: que o todo é mais que a soma de seus elementos. Para isto, no entanto,

20 LENZ, Siegfried, *Deutschstunde*, Hamburg, Hoffmann & Campe, 1968. 560 p.

21 GRASS, Guenter, *Die Blechtrommel*, Frankfurt am Main, Fischer, 1962. 493 p.

22 RICHTER, Horst E. *Lernziel Solidarität*. Reinbek bei Hamburg, Rowohlt, 1974. p. 69.

23 MELIUS, *Der Schriftsteller...*, p. 24.

é necessário renunciar àquela liberdade pessoal, e àquele bem-estar pessoal que de qualquer modo só existem graças à supressão da liberdade e do bem-estar alheios. Isto não quer dizer que cada um renuncie por isso totalmente à sua individualidade, mas sim à sua individualidade burguesa pervertida. (O indivíduo como tal já existiu antes da economia individualista e existirá, mesmo que transformado, também posteriormente). Trata-se antes de "uma solidariedade intersubjetiva, de uma unidade de direção polifônica das vontades impregnadas do mesmo concreto objetivo humano"²⁴, oposição contra a tutela espiritual e uma autêntica, não só verbal ou sem limites diluída, aceitação do próximo, do mundo exterior.

RESUMO

Em seu romance *Gruppenbild mit Dame* [Retrato de grupo com senhora], publicado em 1971, o escritor alemão ocidental Heinrich Böll reúne, sob forma pseudo-documentária, declarações de personagens de ficção, tendo por resultado a biografia de uma mulher com um dom sensual mal conhecido Pelo exemplo desta mulher e do ambiente humano que a cerca, o autor mostra sobretudo numerosos exemplos de oposição política no Terceiro Reich. Com base nestes casos, o leitor há de constatar que os comportamentos, acentuados por Böll positivamente, constituem expressão de um egocentrismo burguês com uma mundividência humanística diluída. Tais comportamentos quando muito desmascaram toda oposição como uma desajeitada rejeição do incompreendido mundo exterior. Por outro lado, os traços neurótico-doentios dos heróis e seu inconsciente desejo de participar da comunidade (a "sensualidade" de Leni) apresentam uma nova, talvez de Böll mesmo ainda não descoberta perspectiva: que o conceito burguês de individualismo é um obstáculo historicamente superado, o qual impede o desenvolvimento de uma verdadeira consciência social.

ZUSAMMENFASSUNG

In seinem 1971 erschienenen Roman *Gruppenbild mit Dame* stellt der westdeutsche Schriftsteller Heinrich Böll in pseudo-dokumentarischer Form Aussagen von — fiktiven — Personen zusammen, deren Ergebnis die Lebensgeschichte einer Frau mit "unentdeckter sinnlicher Begabung" bildet. Am Beispiel dieser Frau und ihrer menschlichen Umgebung zeigt der Autor vor allem auch zahlreiche Beispiele politischen Widerstands im Dritten Reich. In diesen Fällen muss der Leser entdecken, dass die von Böll positiv akzentuierten Haltungen Ausdruck einer bürgerlichen Egozentrik mit verschwommenen humanistischen Vorstellungen sind, die jeden Widerstand bestenfalls als ein hilfloses Zurückweisen der unverstandenen Aussenwelt entlarven. Andererseits bringen die krankhaft-neurotischen Züge der Helden und ihr uneingestandener Wille zur Gemeinschaft (die "Sinnlichkeit" Lenis) eine neue, von Böll vielleicht selbst noch unentdeckte Perspektive an den Tag: dass der bürgerliche Individualismusbegriff ein historisch überholter Ballast ist, der die Entwicklung eines echten sozialen Bewusstseins verhindert.

24 BLOCH, Das Prinzip..., p. 1139.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BLOCH, Ernst. *Das Prinzip Hoffnung* Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1959, 1657 p.
- BOELL, Heinrich. *Aufsätze-Kritiken-Reden* Muenchen, dtv, 1969. v. 1.
- , *Gruppenbild mit Dame* Kaeln, Kiepenheuer, 1971. 400 p.
- , *Hierzulande — Aufsätze zur Zeit*. Koeln, dtv. 1963. 153 p.
- , *Die verlorene Ehre der Katharina Blum, oder: Wie Gewalt entsehen und wohin sie fuehren kann* Koeln, Kiepenheuer, 1974. 189 p.
- FREUD, Sigmund. *Das Unbehagen in der Kultur*. Frankfurt am Main, Fischer, 1970. 86 p.
- GRASS, Guenter. *Die Blechtrommel*. Frankfurt am Main, Fischer, 1962. 493 p.
- JUST, Klaus Guenther. *Handbuch der deutschen Literaturgeschichte* Bern, Francke, 1973.
- LENZ, Siegfried. *Deutschstunde*. Hamburg, Hoffmann & Campe, 1969. 560 p.
- MELIUS, Ferdinand, ed. *Der Schriftsteller Heinrich Boell* Koeln, Kiepenheuer, 1959. 111 p.
- MIGNER, Karl. Heinrich Boell. In: WEBER, Dietrich. *Deutsche Literatur seit 1945*. Stuttgart, Kroener, 1970. p. 290-310.
- RICHTER, Horst E. *Lernziel Solidaritaet* Reinbek bei Hamburg, Rowohlt, 1974. 320 p.